ANO 10.º — Sexta-feira, 9 de Março de 1917 — (AVENÇA) — Numero 463

O DEMOCRATA

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

DIRECTOR e EDITOR
A[illegible]naldo Ribeiro
—(*)—
PROPRIEDADE da EMPREZA

Oficina de composição, R. Direita —Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luiz de Camões—Aveiro

Redacção e Administração, Rua Direita, n.º 54

Dr. Manuel de Arriaga

A morte, arrebatando do numero dos vivos o eminente republicano, faz cobrir de luto a Democracía Portuguêsa

Com profundissimo e pezar não menos intensa e surpreza comoção, tivémos conhecimento da morte do dr. Manuel de Arriaga, de quem, tenras creanças ainda, pelo seu verbo inspirado e quente recebemos as primeiras catequeses politicas, abrindo-nos a alma e o coração em plena luz e em ardente crença, ao evangelho puro da Democracia, onde na sua mais lidima e alta significação está esculpida a letras de ouro a imortal triologia —Liberdade, Igualdade, Fraternidade!

Ninguem mais do que ele a respeitou e engrandeceu, na sua longa e dificil existencia que desde os primeiros anos sofreu as mais duras provações e privações.

Alma feita de luz, coração bem cedo retemperado nas vicissitudes da vida e da luta, ele renunciou aos preconceitos e tradições da familia, logo enveredando por um caminho de libertação para o seu espirito, combatendo a peito descoberto pela Republica, quando Ela era ainda uma aspiração para todos.

Nas bancadas do curso de direito ele ostenta já o superior brilhantismo do seu talento, sustentando rijas pugnas com alguns lentes, contra os presumidos direitos de D. Miguel.

Trabalhando para se formar, ajudando ainda um seu irmão para o mesmo fim, abriu banca de advogado e no decurso da sua carreira a sua alma magnânima e sobejamente generosa repartia o seu tempo e o seu trabalho na defeza dos pobres, dos correligionarios e dos amigos, falando nos comicios, nos clubs, nas associações, cuidando mais nos outros do que em si proprio.

Caracter impoluto e rigido, alma de sonhador e de poeta, em toda a sua obra de combatente, ele não deixou de firmar com todo o brilho aquelas qualidades que gravaram, sem duvida, na sua vida publica, um relevo de inapagavel e inconfundivel nobreza moral.

Dessa nobreza resaltava o seu mais belo ornamento—a honestidade. Assim, apresentou-se no concurso para uma cadeira da Escola Politécnica, em que não foi provido. Voltou de novo a outro concurso para uma cadeira do Curso Superior de Letras e o mesmo lhe sucedeu, sendo preterido por outro candidato. Conseguiu por fim obter o logar de professor de inglês, lingua que conhecia como a materna, no Liceu Nacional de Lisboa, onde o surpreendeu o convite do rei D. Luiz para leccionar seus filhos, Carlos e Afonso, convite que Manuel de Arriaga declinou delicada e correctamente.

Tudo isto resultava da sua crença formidavelmente inabalavel pela Republica, que Arriaga engrandecia e propalava, como unico meio de regeneração e de progresso para a sua Patria tão querida.

Persistente, incansavelmente na brecha, nessa luta de anos, demolindo com o seu excepcional talento e o seu sugestivo e poderoso verbo, os preconceitos e os privilegios ofensivos da Democracia, apontando os erros e os crimes do regimen de então, Manuel de Arriaga atingiu o verdadeiro culto, numa completa consagração de quantos avaliavam e conheciam as belas qualidades da sua alma.

No entanto a politica não o poupa e por todas as fórmas e processos o prejudicam e combatem, levando a monarquia o seu odio até ao ponto de, atribuindo-lhe gráves responsabilidades revolucionárias, o enclausurar a bordo de navios de guerra, fazendo-o sofrer vexames e torturas.

Mas, alma de espartano, de olhos fixos no seu Ideal, ele não vacila e segue o seu caminho de lutador incansavel, como um verdadeiro homem de acção e de energia invulgar. Comparecendo onde a Liberdade era ameaçada, enfileirando sempre como valoroso soldado ao lado de quantos combatiam pela emancipação da Patria, Aveiro, aclama-o, tambem, num brado unisono e entusiasta até ao delirio, quando Manuel de Arriaga aqui veiu combater em orações vibrantes de calôr e de fé, o ingresso das irmãs de caridade, que meia duzia de bandidos pretendiam introduzir no hospital desta cidade, como mais um ultraje á memoria daquele que tentaram, em vida, conspurcar e amesquinhar.

Aveiro teve egualmente a honra de ouvir a sua soberba conferencia realisada no teatro, quando das festas pelo centenario do grande patriota e parlamentar José Estevão Coelho de Magalhães, autentica gloria desta terra, enchendo-se mais tarde o *Centro Escolar Republicano* onde Manuel de Arriaga discursou, assim como Padua Correia, que a morte já ha muito arrebatára. Foi a ultima visita a Aveiro daquele a quem poderemos chamar em boa verdade e com justificado orgulho, o nosso *great old man!*

* * *

Está na memoria de todos o periodo tumultuario da politica que antecedeu a renuncia do alto cargo exercido pelo dr. Manuel de Arriaga

Um movimento militar que se esboçava gravissimo e ameaçador, coincidindo com a organisação de um ministério na sua maior parte constituido por individualidades sem significação nem valôr de fórma a corresponder á situação de momento; as barbatas, os odios, os rancores dos partidos furiosos e espumantes, chocando-se em roda da cadeira presidencial, levaram o dr. Manuel de Arriaga na mais sã das intenções, a chamar alguem que, alheiado ao tumultuar de todas as paixões em jogo, podesse serenar os animos e salvaguardar as instituições, tão enormemente comprometidas, O general Pimenta de Castro não correspondeu, porêm, a essa missão e, cercando-se de auxiliares perigosos, disfarçados inimigos do regimen, foi pouco a pouco agindo de uma fórma a resultar a revolução de 14 de maio, que o enxutou do poder.

Pouco tempo depois, o dr. Manuel de Arriaga, apresentava o pedido da sua demissão e, abandonando o paço de Belem, a grandeza do qual, dizia, apenas lhe roçava pela pele, não o afectando no animo nem lhe alterando o caracter, recolhe á sua antiga e modestissima residencia na rua de S. Francisco de Paula, onde a morte o surpreende sereno, como um justo, ás 5 horas da madrugada de segunda-feira desta semana.

Terá a Historia muito que escrever sobre a acção de combatente, de politico e de chefe da Nação, e sobre toda a obra, emfim, do grande cidadão. O que, porêm, ela póde já esculpir nas suas paginas de bronze, é que a figura do dr. Manuel de Arriaga, até hoje, é a mais alta, desinteressada e respeitavel do actual regimen!

E é por isso que o estremecido velhinho, querido e veneravel, se ergue no coração de todos nós, aureolado na saudade duma comovida admiração e dum profundissimo respeito.

Que toda a sua ilustre familia receba o preito das nossas sincéras condolencias.

Notas biograficas

A candidatura do dr. Manuel de Arriaga pelo Funchal

O dr. Manuel José de Arriaga Brun da Silveira e Peyrelongue nasceu na cidade da Horta (ilha do Faial) em 8 de Julho de 1839. Era filho de Sebastião de Arriaga e de D. Maria Cristina de Arriaga Caldeira. Sua avó, D. Maria da Piedade Cabral da Cunha Godolfim de la Rocca, era a 15.ª neta do rei Afonso III e descendente duas vezes do rei Ramiro II de Leão, 2.ª neta de D. Fernando de Castella e 23.ª neta de Hugo Capeto, duque de França, conde de Paris e de Orléans.

Como se vê, circulava nas veias do primeiro presidente eleito da Republica sangue real.

Era licenceado em Direito pela Universidade de Coimbra, e exereeu por largos anos a advocacia em Lisboa, sendo um jurisconsulto distinto. Tendo-se apresentado a concurso á cadeira de *Economia politica* da Escola Politecnica, publicou a sua dissertação em 1866, *Sobre a unidade da familia humana debaixo do ponto de vista economico.*

Regeu, durante anos, no liceu de Lisboa, a cadeira de inglez, lingua que falava correntemente.

Foi eleito, no passado regimen, deputado ás Côrtes, em várias legislaturas, cabendo ao circulo do Funchal a honra de o ter como representante em 1882, vez primeira em que o suf. agio popular lhe escancarou as portas do Parlamento.

O seu nome foi proposto em oposição ao de Anselmo Braancamp que retirou a sua candidatura após o empate no primeiro escrutinio.

Em substituição deste os monarquicos propezeram o conde do Carvalhal, herdeiro dum nome a quem os madeirenses muito deviam. A escolha, porêm, não deu resultado, sendo eleito por grande maioria o dr. Manuel de Arriaga, que ali foi pouco depois agradecer a escolha do seu nome e informar os seus eleitores do que tencionava fazer. A sua bela figura, o calor extraordinario do seu verbo, a lhaneza do seu trato tudo influiu poderosamente para que o novo deputado ficasse gravado no coração dos madeirenses.

O parlamento votou a seguir a nova reforma eleitoral, creando os circulos plurinominaes e assim convertia a Madeira num só circulo, de fórma a poder vencer a votação conscienciosa da população do Funchal. Os republicanos, porêm, não desanimam e desenvolvem uma propaganda activissima por todas as assembleias da ilha, propondo Manuel de Arriaga, Teofilo Braga e Latino Coelho como candidatos do partido, nas eleições seguintes. Foi tal o empenho e o ardor na lucta, que a monarquia recorreu á violencia brutal, fusilando impiedosamente e sem razão os eleitores na assembleia da Ribeira Brava, isto a 29 de Junho de 1885.

Calumníou-se, inventou-se o que ha de mais baixo e de mais infame, atribuindo aos republicanos a exclusiva responsabilidade do ocorrido.

Então, o dr. Manuel de Arriaga, acompanhado de Consiglieri Pedroso, vae novamente á Madeira. Procede a um inquerito imparcial e justo e dele resulta a nitida irresponsabilidade da parte dos republicanos na tremenda chacina.

Fez então um comicio ao ar livre, para dar conta do seu inquerito, produzindo uma impressão profundissima as suas revelações que arrebataram a numerosissima assistencia, calculada em mais de dez mil pessoas.

Quando Barjona de Freitas, ministro do reino, amnistiou os monarquicos comprometidos no crime, excluindo os republicanos, então processados, para os quaes não se conseguia um advogado, para ali foi o dr. José de Castro tratar do processo das victimas até que no dia do julgamento o dr. Manuel de Arriaga chegava pela terceira vez para coadjuvar o seu coléga na defêsa dos 92 réus entre eles uma pobre mulher.

O que foi esse julgamento, a veemencia dos extraordinarios discursos proferidos, os episodios, a luta tremenda sustentada durante o debate, tudo isso chegaria para um volume.

Os réus foram todos absolvicos e o dr. Manuel de Arriaga engrandecia com a sua dedicação e com o seu afecto pelos seus eleitores, o altar onde estes ha muito o tinham colocado—os seus corações.

Ao congresso juridico, reunido em 1889, apresentou o relatorio: *Tese. O sistema penitenciario, quando exclusivo e unico, abrangerá os fenomenos mais importantes da criminalidade, e, não os abrangendo, converter se-á numa instituição contraproducente e nefasta?*

Publicou um curioso estudo sociologico, intisulado *Harmonias sociaes*, e o volume, *Na primeira presidencia da Republica Portuguêsa*, em que faz a historia da sua passagem pela mais alta magistratura da nação.

Antes de eleito, a 24 de Agosto de 1911, foi procurador geral da Republica e reitor da Universidade de Coimbra.

Na mocidade, o sr. dr. Manuel de Arriaga escreveu grande numero de poesias, colaborando em revistas literarias e jornaes.

O testamento do extincto

Digno de arquivo pelo seu altruismo e magnitude

Do testamento do sr. dr. Manuel de Arriaga, aprovado a 14 de Fevereiro do corrente ano, extraímos as seguintes notas:

No uso da faculdade que a lei me confere, faço as disposições da minha ultima vontade pela fórma seguinte:

Deixo a minha esposa Lucrecia de Mélo e Arriaga, em testemunho de reconhecimento pela estima que sempre me consagrou desde criança, e admiração pelas suas virtudes e qualidades altruistas, pouco vulgares, o meu retrato a oleo feito por Malhôa; um objecto da sua escolha entre os presentes que me foram oferecidos nas minhas visitas presidenciais; o album do Faial e Pico, onde vem a fotografia da casa do governador, no Livramento, onde foi criada, e que mandei tirar de proposito para lha oferecer, e o cofre de tartaruga que me deu Antonio José de Almeida quando esteve em Africa. Deixo a meu filho mais velho, Manuel de Arriaga Brun da Silveira, um volume contendo opusculos dos meus trabalhos politicos e que já teem a indicação do seu nome; a propriedade plena dos meus trabalhos politicos: *Harmonias sociais, Discursos parlamentares*, manifestos, conferencias e outros trabalhos da mesma indole, de que fará o uso que entender; o meu ultimo livro *Na primeira presidencia da Republica Portuguêsa.* (Um rapido relatorio) e o tinteiro de prata que trago a uso e me foi oferecido por D. Felisbela Kopke Corazzi. Deixo a meu filho Roque Manuel de Arriaga um outro volume com opusculos iguais aos do Manuel e que tambem tem a indicação do seu nome; a propriedade plena dos meus trabalhos literarios *Contos Sagrados, Irradiações* e uma colecção ainda em manuscrito que guardo na minha pasta particular. Deixo-lhe tambem todos os documentos por mim arquivados para fazer deles o uso que melhor entender, com a condição expressa e categorica, porêm, de inutilizar, de reduzir a cinzas, na sua presença, todos os papeis que se referirem a desinteligencias e intrigas entre republicanos (ou que se dizem republicanos), pois não desejo vêr ligado o meu nome, por qualquer fórma, a uma causa que tanto conturbou a minha vida politica e me encheu de inquietações e torturas durante a presidencia da Republica.

. . . .

Deixo ao meu velho amigo Antonio José de Almeida, vendo nele o coração magnanimo e patriotico devotado ao Belo, ao Bom e ao Justo, as obras de Gambeta que tenho na minha livraria.

. . . .

Nunca pude prescindir de uma causa suprema, de uma *Causa Primaria*, principio, meio e fim de todo o existente, fonte de onde emana a vida do Universo, Sol de onde irradia a luz das nossas almas, das sabias leis inalteraveis, a lei por excelencia, a Beleza Ideal, a Perfeição Suprema, a Verdade Eterna: Deus. Nesta crença vivi, com esta crença espero morrer. Como é natural que os representantes das religiões reveladas não queiram incorporar-se no saimento funebre de um filosofo que viveu toda a sua vida fóra das barreiras dos dogmas, numa região alta, serena e luminosa, com absoluta e inalteravel tolerancia para com todas as opiniões: delibero que o meu enterro se faça civilmente, com a maior modestia e singeleza. O me[illegible]daver será levado num

carro puxado por uma só parelha, sem convites, sem corôas e sem discursos.

. . . .

O que teria a acrescentar aqui são *As Nossas Ultimas Palavras* que veem a paginas 188 do meu livro *Na Primeira Presidencia da Republica Portuguêsa*, porque em verdade são aquelas que levo para a sepultura. E aqui findam as disposições da minha ultima vontade.

As palavras a que acima se alude, são como seguem:

Trouxemos do palacio de Belem, quando deixámos o poder, a convicção de que os partidos que se esfacelam com coleras, mais aparentes que reais, não desejavam vêr a sua primeira Patria diminuida, e muito menos eliminada.

Eliminar Portugal do conceito das nações cultas, seria uma injustiça mundial e flagrante—um crime de Lesa Humanidade.

Portugal é a nação dos navegadores por excelencia, dos que mais concorreram com as suas descobertas e conquistas para a grandeza do mundo actual,

Por toda a redondeza do orbe terraquio existem os titulos autenticos das suas façanhas assombrosas; nas vastissimas regiões da America do Sul, tem hoje, por sucessora a florescente Republica do Brasil que, juntamente com os *Lusiadas*, lhe perpetua a lingua, o nome e a gloria. Sim, Portugal não póde desaparecer, mas fiquem sabendo os que fomentam as nossas dissidencias intestinas, que são eles os que mais conspiram, com os inimigos da Patria, para esse descalabro sinistro e vergonhoso!

Emquanto Portugal não se unir como um só homem, á semelhança do que fizeram a Alemanha, a França, a Belgica e a Servia, não póde esperar que venha de fóra o remedio que ha de evitar os perigos que estão eminentes!

Acabem, pois, com as discordias entre cidadãos da mesma Patria; com a intolerancia das ideias contrarias, que arrasta comsigo a incompatibilidade das pessoas; com os enredos, a maledicencia e as calunias que deturpam a verdade dos factos e nos deixam ficar aos olhos dos estrangeiros numa situação deprimente!

Confundâmos os nossos adversarios com a excelencia das nossas virtudes, porque as temos, com a superioridade dos nossos exemplos: sim com obras e não com palavras.

Em todos os lances da vida é necessaria a equação entre o que se pensa, o que se diz e o que se faz, para se não perder a unidade moral do que depende a integridade das pessoas.

Cumprâmos com o que prometemos no aureo período da propaganda, em nome da democracia pura, para que se não apague no coração do povo o fogo sagrado da crença no ideal da Justiça Humana; para que as suas almas não fiquem como as lavas dos vulcões extintos, onde já não ha uma planta que dê sombra, uma ave que cante, uma flôr que sorria, uma fonte que murmure ou qualquer outra nota viva das alegrias da Terra, mas apenas desolação, esterilidade e tristeza!...

Emquanto a nós, que os politicos de profissão nos tomem como morto entre os vivos, um morto que não empesta a atmosfera que se respira com os despojos da sua existencia.

Quando rebentou a actual conflagração de guerra, numa luta pavorosa em que já ha milhões de cadaveres e em que cada dia que passa aumenta em centenas o numero das viuvas e dos orfãos, sem que o Poder espiritual dos Novos Templos, devidamente organizado, imponha a paz ao mundo, em nome da solidariedade Humana pela força da Razão, da Moral, do Direito e da Justiça, mandámos cerrar as cortinas dos nossos camarotes em espectaculos publicos, em sinal de luto.

Outro tanto desejâmos que nos façam, por outros motivos, os politicos de profissão: cerrem o véu do esquecimento sobre a nossa modesta individualidade e deixem-nos acabar de morrer no remanso do nosso lar, na paz da nossa consciencia, com a fé inteira e viva de que as leis que presidem aos fenomenos da consciencia, aos problemas do destino humano são tão belas como as que regem as maravilhas da natureza.

Se na nossa passagem pelo poder houve alguem que se julgasse por nós ófendido, que esse alguem nos perdôe.

Demonstrações de sentimento

De Aveiro foram enviados á familia do ilustre extinto muitos telegramas de pêsames, havendo feriado, na terça-feira, em algumas repartições e escolas, superiormente concedido.

Todos os edificios publicos, assim como a Câmara e o *Centro Escolar Republicano*, conservaram durante o dia as suas bandeiras a meia adriça, o mesmo acontecendo no resto do país onde a morte do dr. Manuel de Arriaga produziu a mais funda sensação de pezar.

OS FUNERAES

Apezar do tempo agreste, invernoso mesmo, as ultimas homenagens funebres prestadas ao venerando ancião que tanto se distinguiu como democrata e liberal, como advogado, como poeta e como filosofo, foram o que não podia deixar de ser—uma grandiosa manifestação de pezar, de luto nacional, a que se associou Lisboa em peso e na qual tomou parte desde o mais humilde cidadão até ao chefe do Estado. Foram assim prestadas ao falecido as honras devidas á sua elevada categoría, tendo-se encorporado no prestito uma força de marinha e outra do exercito, que deram as salvas e as descargas da ordenança, todo o alto funcionalismo politico, agremiações republicanas, corpo diplomatico, academia, professores, comercio, industria, imprensa, emfim tudo quanto poude deslocar-se para acompanhar á ultima jazida o cidadão impoluto, simples, modesto, mas a cujo talento e honestidade deve a Democracia serviços sem conta que a historia terá de registar para exemplo dos vindouros.

O *Democrata* fez-se tambem representar pelo digno director dos expostos da Misericordia, nosso presadissimo amigo sr. Beja da Silva, que para esse fim foi solicitado por telegrama apenas soubémos do infausto acontecimento.

O cadaver de Manuel de Arriaga ficou depositado no jazigo de familia construido no cemiterio dos Prazeres e onde, conforme expressa determinação do finado, deve ser gravada a seguinte legenda da sua lavra:

Astros sem fim! Oh! sois que estais por cima,
Longe da terra, em região mais pura;
Deixai que o corpo desça á sepultura,
E a vós se eleve o espirito que o anima!...

Parece estar averiguado que foi uma sincope cardiaca que vitimou o preclarissimo republicano visto Manuel de Arriaga ter-se deitado, no domingo, relativamente bem disposto depois de ter estado até ás 23 horas a ouvir musica que, como de costume, se fez em sua casa até essa hora.

Pela imprensa

—(*)—

"A MANHÃ,,

Visitou-nos este novo confráde, que acaba de saír em Lisboa, dirigido pelo talentoso jornalista Mayer Garção, e de que fazem egualmente parte os antigos redactores do *Mundo*, Luiz Derouet, Alberto Barbosa, José do O' e Gregorio Fernandes.

A *Manhã* apresenta-se, como era de esperar, muitissimo bem redigida em todas as suas variadas secções, tendo-lhe o publico dispensado lisongeiro acolhimento, devido, sem duvida, á sã doutrina que propaga, acentuadamente republicana e, dentro desses principios, iminentemente educativa, de molde a merecer os aplausos da antiga falange que preparou e levou a cabo o advento do novo regimen.

O nosso amigo sr. Alvaro Mineiro ofereceu no domingo um almoço aos fundadores do moderno diário e durante ele se vinculou que a *Manhã* terá como guia, a orienta-la sempre, os legitimos interesses da Republica tal como a conceberam França Borges e outros iconoclastas de egual grandêsa.

Assim sendo, só temos que congratular-nos com a aparição da distinta folha lisbonense, a quem na pessoa do seu corpo redactorial saudâmos, desejando-lhe uma longa vida e as maximas prosperidades.

"O DESPERTAR,,

Em substituição do *Jornal de Coimbra*, que deu por finda a sua existencia, saíu tambem na velha cidade universitaria um bi-semanário com o titulo da epigrafe, de que é proprietario e administrador o sr. João Henriques e director o sr. dr. José Pires de Matos Miguens. Diz-se republicano independente e apresenta-se com belo aspecto tanto material como literario, lendo-se com agrado.

Os nossos cumprimentos.

=*A Guerra* e *A Liberdade* são outros dois semanários que pousam sobre a nossa meza de trabalho, tendo iniciado respectivamente a sua publicação em Ponta Delgada (S. Miguel) e Lisboa.

Da mesma sorte lhes apetecemos vida prospera.

O BACALHAU

A confirmar-se o que por aí corre, no proximo ano não teremos *fiel amigo* e se o tivermos só por bom preço se poderá adquirir.

E' que os pescadores do saboroso peixe tanto das praças de Aveiro e Ilhavo, como de Viana, Figueira, etc., não estando para arriscar a vida na travessia dos mares já deliberaram ficar por cá, tendo cessado em algumas partes os preparativos de outros que se encontravam meio resolvidos a partir.

São calamidades sobre calamidades.

O cónego

—(*)—

Voltou a dar acordo de si no orgão evolucionista local o célebre padre... de Vizeu, que pelo nome não perca...

E o que diz ele? Pouco, mas o suficiente para se aquilatar da sua incomensuravel vaidade e outros atributos.

Ora atendam:

Ninguem tem o direito de duvidar das crenças politicas dos cidadãos, quando eles correctamente se conduzem e os seus actos se harmonisam com o desejo e sentir dos correligionários.

Tronchudo ou *não tronchudo*, o sr. dr. João Ferreira Gomes é um evolucionista categorisado, de incontestável valor intelectual e considerado, como merece, dentro do seu partido, a que tem prestado valiosos serviços.

O partido evolucionista de Aveiro, de que Ferreira Gomes foi uma figura de destaque, (gaba-te cêsto...) sentiu devéras o seu afastamento. Lial sempre com os seus correligionários, era o incontestável direito ás suas homenagens, embora isso muito custe a determinadas individualidades que só vivem da intriga, processo esse condenável e aviltante.

E fique duma vez para sempre comprendido que só ofende quem *póde* e não quem *quer*...

O' padre Gomes — o retrato, mande o retrato sem o que não ficam completos os elogios que anda traçando á sua propria pessoa, visto a persistencia dos correligionarios em não darem, na gazeta, pelo *incontestavel valor intelectual* do *categorisado evolucionista*.

Já é ter bôjo!

PROMOÇÃO

Pela ultima ordem do exercito ascendeu ao posto de alferes medico meliciano o nosso querido amigo dr. Abilio Gonçalves Marques, com residencia e consultorio na Costa de Valado, onde gosa la consideração de toda a gente pelos primores do seu caracter e reconhecida honestidade profissional.

O julgamento do "Democrata,,

Mais uma vez foi adiado na segunda-feira sem que todavía o meritissimo juiz marcasse o novo dia para a sua realisação.

Como de vespera se tivesse propalado já que ele ficaría sem efeito, foi diminuta a concorrencia ao tribunal, a qual se limitou a alguns amigos de fóra a quem a noticia, infelizmente, não havia chegado com antecedencia, afim de lhes evitar a massada

A QUESTÃO DA PESCA

A absoluta carencia de espaço com que vimos lutando, obriga-nos a deixar para o numero imediato um artigo já composto sobre a questão da pesca na ria e o julgamento do cabo de mar da Murtosa na comarca de Estarreja e bem assim a resposta a uma carta que o sr. Antonio Maria Valente de Almeida nos enviou de Lisboa, contendo várias considerações ácerca do nosso artigo—*Mentira! Mentira!*—publicado no *Democrata* do dia 2 do corrente.

Nós e o "Jornal de Albergaria,,

—(*)—

Resposta que se impõe—A nossa atitude perante o sr. Afonso Costa e o seu partido

Duas palavras ainda, como remate, áquelas com que entendemos intervir em resposta a considerações que a nosso respeito se fizeram e que nos impunham o dever de explanar e explicar ao *Jornal de Albergaria* para que a verdade fosse posta no seu logar e a ela tributada a merecida homenagem. Conseguimos em parte esse objectivo, mas o nosso antagonista, conhecendo do caso simplesmente sobre quanto dele dissémos, continua, ignorando, ou fingindo ignorar, a triste historia politica desta terra e nomeadamente da velha *troupe* de arlequins, que tem, ha longos anos, num jornal da familia — *O Camaleão* — sarcasticamente denominado assim devido ás constantes transformações de opinião porque tem passado e ainda como iniludivel reflector da pureza de caracter dos seus inspiradores, tem nesse jornal, diziamos, um evangelho de todas as suas multiplas e variadissimas farças, com especialidade a ultima, que implicou a transição estupenda de ferrenhos monarquico-clericaes em ferozes jacobinos, logo a seguir ao trinfo da revolução de Outubro de 1910.

Vemos que o autor dos artigos do *Jornal de Albergaria* não nos lia ha muito, desconhecendo por isso, em absoluto, o que todos conhecem em excesso.

Essa *troupe* de arlequins é uma das muitas outras que assaltaram a Republica e a quem os chefes dos partidos então constituidos — sem excepção dum só—aceitaram de braços abertos, sem inquirirem do seu passado.

Dissémos que o maior mal da Republica fôra o erro dos republicanos com a sua divisão, fraccionando-se em partidos. Esse nosso modo de vêr, teve no *Mundo*, de 3 do corrente, uma absoluta confirmação quando diz: *E' necessario reconhecer um grande erro dos republicanos—o de se dividirem, não em partidos de govêrno, com programas definidos e explicados e que fossem a justificação honestamente politica das suas divergencias, mas em parcialidades de caracter pessoal*, etc., etc., etc.

Foi, sem duvida, um grande, um formidabilissimo erro. Erro não só por o que trouxe para a Republica o consequente enfraquecimento de tal acto, mas ainda porque resultou que se infiltrasse dentro do regimen toda a velha e matuta cambada, que fez sempre das suas *afamadas* convicções o porta-voz das suas conveniencias, o escudo protector para todos os crimes e imoralidades. Assim, tanto se alistaram no partido democratico como em todos os outros, exemplares autenticos, que conhecemos como os nossos dedos. Pululam dentro do democratismo, fervilham no evolucionismo, como se acotovélam no unionismo.

A responsabilidade exclusiva e unica que de tal facto e seus resultados se pretende lançar sómente sobre o sr. Afonso Costa, cabe intacta, nas suas partes iguaes, aos outros chefes politicos que identico procedimento tiveram. Como a referida *troupe* de saltimbancos, embora pateada e assobiada por cada uma das suas exibições no carunchoso tablado da politiquice indigena, se agrupasse, de preferencia, no partido democratico—ela, a irrèconciliavel inimiga de todos os republicanos — dizendo-se, porêm, agora, com o maior cinismo, o mais revoltante indecoro, constituida por *homens politicos, politicos republicanos* e *republicanos democraticos*, precisamente no momento em que se discutia uma das suas mais repugnantes e habilidosas traficancías, logo erguemos os nossos protestos de intransigencia e de guerra contra a mesma, que, vindo da monarquia, suja de toda a imundicie, pavoneando-se, arrogante, da *fidelidade inabalavel* ao rei e á dinastia, se apresentou, contudo com igual *dedicação e lealdade* a servir a Republica para á sombra do novo regimen continuar as suas infamias, os seus crimes. Certamente que para assim acontecer contaram os transfugas de todos os tempos e contam com a protecção e favor do sr. Afonso Costa, que preferiu os *artistas* da descarada sociedade, que *trabalham* em todos os generos, á dedicação modesta e nobre dos velhos republicanos historicos. Cabe, com efeito, ao sr. Afonso Costa, deste facto, aliáz tristissimo, a inteira responsabilidade. Mas não se lhe pode imputar aquela que de identicos e ocorridos a dentro dos outros partidos — como nós muito bem sabemos—certa e igualmente deriva.

Mas apontado, com mágua, este caso, que verberâmos com toda a nossa justificada indignação, não lhe poderemos tambem atribuir, em boa verdade, a responsabilidade de todos os erros, de todos os desatinos e de toda essa imoralidade que campeia em volta das instituições. Para esse estado concorrem vários factores, vindos de todos os lados, que é como se dissésse de todos os partidos, e um deles, consiste na transigencia e na identificação de muitos, que, dizendo-se republicanos, só dessa classificação tinham o nome, porque logo aplaudiram e se bandearam para aqueles que para se encherem precisavam encher os outros.

O articulista do *Jornal de Albergaria* deve ter visto e por isso avaliará da verdade dos nossos argumentos nestas colunas tantas vezes sustentada, o que temos escrito a proposito dum dos casos que é indubitavelmente caracteristico da razão da nossa atitude e dos nossos protestos: um amanuense do govêrno civil, que é ao mesmo tempo comissàrio de policia, administrador do concelho, chefe da Estatistica, membro da comissão de censura, etc.!

Mas, perguntará o *Jornal de Albergaria*: quem é que sustenta nessa situação o *devotado* republicano, tocador de tanto instrumento pela bagatela de 980 escudos anuaes? E' o sr. Barbosa de Magalhães, ex-monarquico, e desde 5 de Outubro tido como um dos mais devotados patriotas e sincéros republicanos com praça assente no democratismo; é o sr. governador civil, que justamente reconhecido como republicano historico, por sua vez precisa que o deixem vir socegadamente duas ou tres vezes por semana ao seu gabinete e faça oportunamente parte da junta das reinspecções militares como medico, dentro da sua propria circunscrição administrativa!

Resumindo: não podendo haver moralidade, comem todos!

Contra isto se revoltam as pedras das calçadas; contra isto se erguem protestos que abrangem desde o *beneficiado* ao ministro, ao chefe do partido que tolera e sanciona imoralidades desta grandeza, manchando vergonhosa, indignamente um regimen que se garantiu ao país inteiro que seria de moralidade e justiça!

Terminando, diremos ainda que nada ha de anormal, de contraditorio, na nossa linha de conducta.

Proclamada a Republica, da pasta então gerida por Afonso Costa, vieram os decretos, as leis, que realisavam todo o programa, toda a aspiração dos republicanos portuguêses. Nesse numero estávamos nós. E assim fica facilimamente demonstrado que, defendendo o *Democrata* o programa maximo do Ideal republicano, marcasse o seu logar proximo de Afonso Costa, aplaudindo a sua obra, que era a realisação das nossas fundas aspirações. Tem erros, tem responsabilidades na diferença havida entre o que se afirmou e o que se pratíca? Tem. Isso, contudo, não afecta, nem destroe as suas brilhan-

Notas mundanas

Acha-se novamente de cama por se lhe ter agravado a doença de que foi acometido, o considerado clinico de Eixo, sr. dr. Eduardo Moura.

✠ *Tambem adoeceu ha dias o activo negociante da nossa praça, sr. Manuel Maria Moreira.*

✠ *Regressou de Gandaras de Carvide a S. Tiago de Cacem, o sr. José Domingues Guerra.*

✠ *Vimos ontem nesta cidade de quasi restabelecido o sr. dr. Isaac Ribeiro, digno oficial do Registo Civil em Fornos de Algodres.*

GRÁVE

O clinico aveirense, sr. dr. Lourenço Peixinho, pede-nos a publicação do que segue:

Com este titulo, publicou o jornal *Distrito de Aveiro*, no seu numero de 4 do corrente, uma local que não é bem a expressão da verdade.

No dia 26 de fevereiro ultimo adoeceu uma asilada com dôres de cabeça, vomitos, prisão de ventre e uma pequena reacção febril. Com o diagnostico provisorio de meningite, mandei-a imediatamente isolar de todas as outras asiladas, alêm da medicação apropriada e instituida. Como no dia seguinte fixasse definitivamente o mesmo diagnostico, procurei logo o ex.mo snr. Arnaldo Ribeiro, membro da Junta Geral do distrito, encarregado das duas secções do Asilo Escola Distrital, a fim de lhe propôr a remoção rapida da doente para o hospital desta cidade, o que foi feito passadas umas duas horas e onde morreu no dia 6 do corrente, num quarto particular, tendo sua mãe junto de si. Depois disto ninguem mais adoeceu ali com qualquer doença.

E' este o unico caso de meningite que se tem dado na secção feminina do Asilo Escola Distrital de Aveiro, desde que sou medico privativo da casa, ha perto de 11 anos.

Lourenço Peixinho
Medico privativo do Asilo Escola Distrital

Nada acrescentaremos, por desnecessario.

Serviço farmaceutico

Encontra-se no domingo aberta a *Farmacia Ribeiro*.

De passagem

O nosso colléga *Concelho de Estarreja*, querendo, no penultimo numero, explicar que não houve da sua parte a má fé que lhe atribuimos ao discutir a questão da pesca, alonga-se, numa quasi interminavel estirada de prosa, em vários considerandos, sem base, para afinal concluir que o que deseja é a completa revogação do regulamento da ria, a que chama *lei odienta*, sem apresentar outros argumentos mais do que os aduzidos em defêsa da ingrata causa, desde o seu inicio, ou seja a partir do convencimento a que os politicos chegaram de que, sem a *apanha livre*, sem a conivencia da Capitania nos seus manejos eleitoraes, dificil se torna adquirir preponderancia entre uma classe que tão mal teem educado, persistindo ainda nesse lamentavel erro apezar do muito que já se tem dito e escrito sobre o que a essa repartição compete fazer em materia das suas atribuições. Quer que lhe diga mais, colléga? A Capitania hoje não tratá os assuntos a seu cargo como era de uzo no tempo da outra senhora; trata-os, sim, com a ponderação, com o criterio devido a todos os problêmas em que é chamada a intervir, e isso é que não convem aos politicos, acostumados, como estavam, a servirem-se do funcionalismo que superintende nessa repartição do Estado para tudo quanto fôsse de interesse para o seu partido ou mesmo para as conveniencias pessoaes de cada um.

De passagem, parece-nos que é impossivel pôr maior clarêsa nas nossas palavras, que são bem expressivas.

Assim as uzassem, como nós, todos os que escrevem para publico, guiando-se e guiando os leitores pelo caminho da verdade, livre de sofismas, isto no proprio interesse das classes menos cultas, que são, afinal, o bóde expiatorio no meio do baralho desenrolado á sua volta.

E tudo para vêr se as *fisgam*... sendo talvez por motivo de não apanhar nada que o *Concelho de Estarreja* se insurge contra a proibição desse processo de pesca, áliaz uzado noutras partes, como afirma.

Mas a Capitania que o não permite cá, é porque tem as suas razões, naturalmente baseadas nos mesmos estudos que tornaram possivel o Regulamento da pesca na ria de Aveiro, que, não sendo nenhuma obra de somenos importancia, como defêsa da nossa fauna, precisa de ser mantido embora contra ele continuem mancomunados os pescadores de aguas turbas com o *Ex.mo Grupo de Revolucionarios e Defensores da Republica*, de que faz parte o *patriota* José Marques de Oliveira, á frente.

tes qualidades de homem de Estado, a brilhante fulguração do seu talento, os altissimos dotes do seu espirito, nem a grandeza inconfundivel das suas faculdades e aptidões.

Posto isto, parece-nos ingenua a confissão do *Jornal de Albergaria*, declarando que não sabe como justificar as nossas palavras com a nossa atitude !!!

Justifica-se assim, colega; como vê, simples e claramente.

De resto, lamentâmos que o *Jornal de Albergaria* dê por terminado o incidente, pois por mais rigorosas que fossem as deduções tiradas, no dizer do estimavel colega, elas não ofenderiam as nossas susceptibilidades, antes nos facultariam ensejo de fazer brilhar a verdade das nossas palavras ligadas em absoluto á sinceridade do nosso procedimento.

A' parte, bem entendido, o prazer da discussão com quem, tão atinada e delicadamente, a soube manter.

BENEMERENCIA

A associação local *Recreio Artistico* resolveu comemorar o dia do seu aniversário -19 do corrente—promovendo um cortejo civico ao qual serão agregados grupos de senhoras e tricanas que venderão flôres para o seu produto ser distribuido pelas familias dos soldados mobilisados pertencentes ás duas freguezias da cidade.

A' noute haverá um sarau dramatico-literario ou uma conferencia, empenhando-se a direcção por que seja levado a efeito qualquer destes dois numeros.

UMA CARTA

Sr. redactor

Se v. entender que merecem publicação nas colunas do seu jornal as palavras que se seguem, muito lhe agradeço em meu nome e no de todos aqueles que pódem fruir um beneficio sob todos os pontos de vista mais que justo—por ser humano e caritativo.

Ninguem desconhece nesta hora angustiosa e de verdadeira aflição, que diariamente se agrava, quanto custa a vida, embora a mais modesta e economica. Escreve estas linhas, quem, dispensando tudo que não seja absolutamente necessario e diminuindo o maximo para o restrictamente indispensavel, observa, todavia, que o dispendio com o sustento da sua casa aumenta pavorosamente com a elevação criminosa e infamissima que a ganancia e a exploração duns poucos de ladrões está a estabelecer por esse país fóra.

Ora ha, entre nós, sr. redactor, uma instituição denominada *Caixa Economica*, ha muitos anos fundada, onde todos que disso teem necessidade vão fazer transacções, resultando dos lucros, que são abundantes, ter uma reserva em cofre de 50 contos ou mais. Esta importancia representa portanto, como facilmente se compreende, o custo das necessidades dos que lá vão e a quem, atravez de todos os sacrificios de hoje, das gravissimas dificuldades que atravessamos e do fim que se diz que aquela instituição visa, continua emprestando dinheiro ao oneroso e pezado juro de 6 0/0. Como um acto de verdadeira benemerencia e auxilio para quem a Caixa Economica facilita a vida e atendendo á angustiosa situação de todos nós, não seria uma simpatica resolução, digna do maior louvôr, que a Caixa reduzisse a metade, dentro deste periodo aflitivo, o juro dos seus emprestimos, quando é certo que essa redução sómente prejudicaria o aumento do capital em reserva, que nos parece não ter outro proveito mais do que estar guardado?

Seria uma medida de auxilio publico, por assim dizer, e que muito engrandeceria a instituição, justificando, em verdade, os fins que lhe são atribuidos.

Aqui fica o alvitre, que me não pertence sómente, mas a muitos que anteveem longe ainda o periodo de normalidade porque tanto anceia a humanidade inteira.

Agradecendo, subscrevo-me, sr. redactor

De v. etc.,

26—2.º—1917.

Um aveirense

Deixâmos este alvitre á ponderação dos dignos directores da Caixa e pois que no proximo domingo se devem reunir em assembleia geral os socios e delegados dos depositantes, afigura-se-nos que será a melhor ocasião de se tratar do assunto, caso mereça essas honras.

Os correios

Vai de mal a peor o serviço postal, que no país cada vez deixa mais a desejar.

Alêm doutras reclamações recebidas nesta redacção dos assinantes a quem falta o *Democrata* nos dias em que o devem receber, queixa-se-nos o sr. José Domingues Guerra, de Santiago de Cacêm, magoado por lhe não termos enviado o jornal para Gandaras de Carvide, como havia pedido, em carta, no dia em que partiu a visitar sua familia. A esta hora já o nosso estimado assinante deve saber o motivo porque assim aconteceu. A cinta foi emendada durante todo o tempo que lá se encontrou, mas pelo visto os correios não deram por isso apezar da legibilidade do endereço.

Esta é a satisfação que sômos obrigados a dar publicamente ao sr. José Domingues Guerra.

Quanto á falta, nada, porêm, a remedeia. Deu-se, está dada. Mas —srs. dos correios—lembrem-se dos grâves prejuizos que adveem para as emprêsas jornalisticas com a repetição de semilhantes factos. Temos a certeza de que a falta não foi do correio de Aveiro. Todavía, ela existe, existem outros e portanto bom é que se tenha um pouco mais em atenção os interesses do publico, evitando que novas queixas apareçam a afectar o prestigio duma repartição que mais confiança deve inspirar a todos.

Temporal

Os primeiros dias desta semana foram de rigoroso inverno, que se fez sentir em todo o país, produzindo bastantes estragos quer no mar quer em terra.

O barometro na terça-feira de tarde desceu a 717, marcando assim uma depressão como não ha memoria de outra egual, no dizer de pessoas antigas.

Os beirais das casas, as claraboias, as vidraças, os candieiros da iluminação, o arvoredo, emfim tudo andou pelo ar devido á forte ventania alternada com grossas cordas de agua e granizo que punham em debandada toda a gente, varrendo as ruas.

Não temos noticia de quaesquer desastres pessoaes tanto em Aveiro como nas circunvisinhanças. Contudo é possivel que se tivessem dado alguns, embora sem gravidade, tal a furia dos elementos de encontro á terra.

Para despedida da estação vâmos que foi uma despedida em fórma.

O "Desertas,,

Chegou á Costa Nova o engenheiro inglez Guilherme Lloyd, que ali se instalou com o fim de proceder aos estudos indispensaveis para o aproveitamento do casco do vapor naufragado em novembro findo ao sul da praia.

O *Desertas* tem sido nos ultimos dias batido furiosamente pelo mar encapelado, mas não nos consta que as avarias produzidas tenham aumentado as já existentes.

AGRADECIMENTO

A Banda dos Bombeiros Voluntarios agradece a todas as pessoas e corporações que assistiram á missa que a mesma mandou celebrar no templo de S. Domingos em sufragio da alma do que foi seu saudoso chefe, João Pinto de Miranda.

A Direcção

NECROLOGÍA

Dr. Pinto Coelho

Posto que o soubéssemos gravemente enfermo nunca supozémos, todavía, que já hoje teriamos de noticiar o seu passamento, tão fundas esperanças alimentávamos de o vêrmos triunfar da doença, retomando no concelho de Espinho os serviços clinicos que ali desempenhava com superior inteligencia e não pequena abnegação.

Mas é um facto consumado e por isso nos rendemos ante a crueldade do destino.

Pinto Coelho morreu!

Foi dele o peor mal e para a sua familia uma grande, uma irreparavel perda. Porêm, ha mais quem chore essa perda, ha mais quem sinta a sua falta. Um concelho inteiro que ele cumulou de beneficios, prantea-o; a Republica, que ele servia com entranhada dedicação, inexcedivel honradez e nunca desmentida fidelidade, lamenta que do numero dos seus partidarios tivesse desaparecido quem tanto esforço lhe havia dado tendente a assegurar um completo triunfo.

O partido democratico tinha em Pinto Coelho um baluarte; os desprotegidos da sorte possuiam nele um amigo. Todos os predicados concorriam nessa alma de eleição para o tornar estimado, querido. Se não hade deixar saudades! Se no coração daqueles com quem ele repartiu o muito que possuia em valor e prestigio não hade eternamente ficar gravada a sua memoria!

Lêmos que as ultimas homenagens funebres prestadas no dia imediato ao do falecimento do dr. Joaquim Pinto Coelho, segunda-feira, foram uma sentida manifestação de pezar a que toda a população de Espinho se associou, incluindo o comercio, que fez cerrar as suas portas.

Nada mais justo. O saudoso extinto tinha, pelo seu caracter, pela sua conduta, pela sua ilustração e vasta inteligencia, direito a todas as deferencias dum povo reconhecido. Espinho, acorrendo em massa a acompanhar á ultima morada o cadaver do que foi seu desvelado protector e amigo, não fez mais do que cumprir um dever, aliás digno de registo nesta época de tanto egoismo e em que a ingratidão sobreleva a tudo sem desdouro ou receio da critica que possa insidir sobre os responsaveis de semilhante procedimento.

O sr. governador civil de Aveiro assistiu tambem ao funeral, depondo uma corôa em nome da Comissão Distrital politica do Partido Republicano Português ao qual o nosso malogrado e ilustre colléga da *Gazeta de Espinho* pertencia.

O *Democrata*, por sua vez, inclina-se ante os despojos do inolvidavel morto, sentindo profundamente que tivesse desaparecido da terra um tão leal quanto desinteressado republicano.

N. da R.— Este artigo fôra escrito para entrar no numero transato tendo, porém, de ficar retido, assim como outra composição, por o espaço o não comportar.

* *

Em edade já um pouco avançada faleceu no ultimo sábado nesta cidade a sr.ª D. Ana Amelia Corrêa Trancoso, estremosa mãe da sr.ª D. Maria Trancoso Magalhães e do digno tesourei-

ro da fazenda publica no concelho de Vagos, sr. Abilio Trancoso.

Deixa saudades. Aos que a pranteiam, os nossos sentidos pêsames.

* * *

Com 92 anos de edade morreu na sua antiga casa da Rua Direita, a sr.ª Luiza de Jesus Gonçalves, mais conhecida por *Luiza das Bichas*, devido a, num estabelecimento que possuiu em tempo, vender sanguesugas para os doentes a quem era receitada a sua aplicação.

Era tia dos srs. José do Nascimento Ferreira Leitão, comerciante, e padre João Ferreira Leitão, director do Colegio Aveirense, a quem enviâmos sentimentos.

* *

Tambem na terça-feira desta semana se sepultaram o snr. Manuel Antonio Arroja, de 38 anos, que serviu, como piloto, a Emprêsa Nacional de Navegação e era casado com uma das mais gentis tricaninhas da Beira Mar, de quem deixa alguns filhinhos na orfandade; e a asilada Lucinda Rosa, de 11 anos, natural de Estarreja, que ha pouco havia entrado no hospital atacada de meningite.

O DEMOCRATA

Assinaturas

(Pagamento adeantado)

Ano (Portugal e colonias)	1$20
Semestre	$60
Brazil e estrangeiro (ano) moeda forte	2$50
Avulso	$02

Anuncios

Por linha	6 centavos
Comunicados	2 »
Anuncios permanentes, contrato especial.	

Toda a correspondencia relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

JUIZO DE DIREITO
DA COMARCA DE AVEIRO

Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

Em virtude da execução por custas e sêlos requerida neste juizo pelo exequente—o Magistrado do Ministério Publico nesta comarca—contra a executada Maria Rosa de Jesus, viuva, proprietaria, de Nariz, se ha de proceder no dia 18 de março proximo, pelas 11 horas, no Tribunal Judicial desta comarca, sito á Praça da Republica da cidade de Aveiro, á arrematação em hasta publica, a fim de ser entregue a quem maior lanço oferecer acima da sua avaliação, do seguinte pertencente e penhorado á executada:

O usofructo vitalicio que a executada tem num predio sito no logar e freguezia de Nariz, que se compõe duma casa e aido de terra lavradia, avaliado em 150$00;

O usofructo vitalicio que a executada tem numa terra lavradia, sita na Pedra, limite de Nariz, avaliada em 75$00;

O usofructo vitalicio que a executada tem na metade de um predio sito em Nariz, denominado a *Quinta da Cavada* e o direito e acção que a mesma executada tem na metade das uvas pendentes neste mesmo predio, avaliado o usofructo e as uvas em quinhentos escudos;

O usofructo vitalicio que a executada tem num pinhal, sito no Passadouro, limite de Nariz, avaliado em 60$00;

O usofructo vitalicio que a executada tem num pinhal, sito no Outeiro Gordo, limite de Nariz, avaliado em 8$00;

O usofructo vitalicio que a executada tem num pinhal, sito na Cavada, limite de Nariz, avaliado em 20$00;

O usofructo vitalicio que a executada tem num pinhal, sito na Caramanha, limite de Nariz, avaliado em 20$00;

O usofructo vitalicio que a executada tem num pinhal, sito no Pinheiro Grosso, freguezia de Nariz, avaliado em 62$00;

A renda de 60 litros de milho (3 alqueires) duma leira de terra na Quinta da Cavada, freguezia de Nariz, de que é arrendatario o depositario Domingos Loureiro, casado, lavrador, de Nariz;

A renda de 220 litros de milho (11 alqueires) e 15 litros de feijão (meio alqueire) duma terra nas Pedras, freguezia de Nariz, de que é arrendataria e depositaria Joana Tereza de Jesus, a *Engeitada*, viuva, lavradora, de Nariz, avaliado tudo em 11$52,5.

Pelo presente são citados quaesquer crédores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos, querendo.

Aveiro, 26 de Fevereiro de 1917.

Verifiquei:

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 5.º oficio

Julio Homem de Carvalho Cristo.